

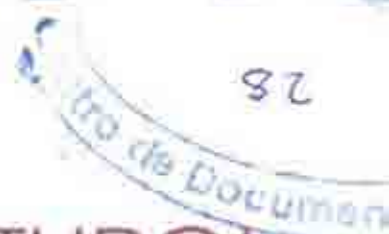


Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

Nº 23 ♦ JANEIRO/FEVEREIRO ♦ 1993 ♦ BIMESTRAL

IAC



O QUE O IAC FOI E REALIZOU DESDE 1983
DEZ ANOS, SÓ FALTA O FUTURO!

DOUTOR JOÃO DOS SANTOS
SÓCIO HONORÁRIO DO IAC

NÃO PODEMOS DESISTIR

No dia 14 de Março de 1983, fizemos opção pela Criança.
Jurámos-lhe amor, jurámos-lhe protecção, jurámos-lhe defesa, jurámos-lhe fidelidade.

Nesse dia, comprometemo-nos a fazer nossos os seus sonhos e as suas dores, a sua alegria e o seu abandono, o seu carinho e a sua exploração, a sua esperança e a sua revolta. Quisemos estar com a criança na alegria de viver e face à crueldade do mundo.

Olhando este decénio que agora terminou, diante de vós, crianças de Portugal e do mundo inteiro, queremos confessar e dizer que tudo quanto pudemos fazer fizemos. Os vossos sonhos e as vossas dores fizémo-las nossas. Assim como a vossa alegria e o vosso abandono, tal como o carinho de que tendes sede e a exploração que, de toda a alma, repudiamos; e ainda a vossa esperança e as vossas perplexidades que fizemos nossas também.

A verdade, porém, é que se fizemos o que foi possível não fizemos tudo o que era necessário. Quer dizer que continuais vós esperando e nós não podemos desistir.

Ao iniciar a nova década, meninos da nossa terra, dai-nos as vossas mãos inocentes, contagiai-nos da vossa simplicidade e da vossa pureza e vamos, todos juntos, chamar o mundo a congregar-se na amizade, na justiça, na paz, a começar pelos mais fracos e os mais pequeninos.

Até que nos ouçam.

COROLIANO FERREIRA

EDITORIAL

Era uma vez, um palhaço que
andava a passear e tal
jardim. Estendeu um lenço
guarda-sol e sentou-se a con-

Texto de Almeida
e desenho de Patrícia



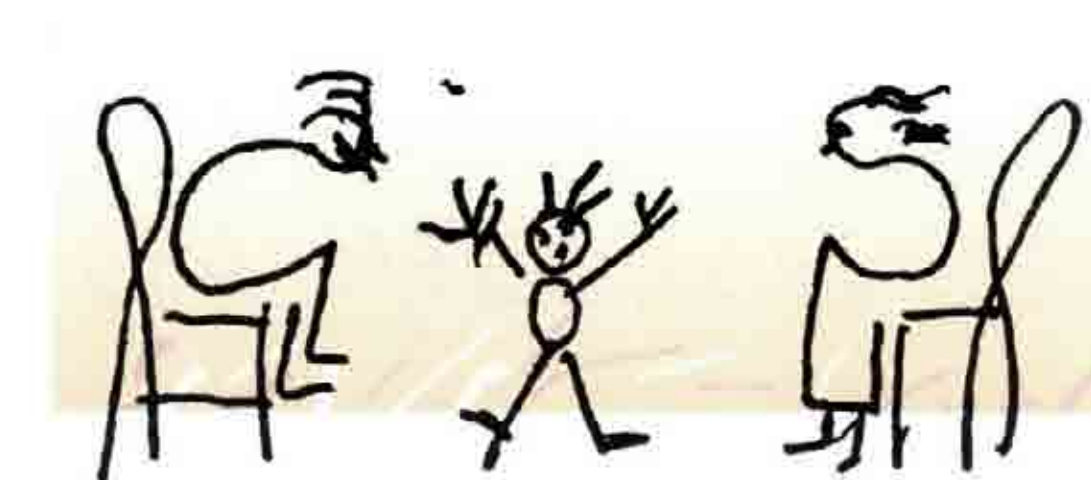
CRIADOR DE IDEIAS E FAZEDOR DE OBRAS

DECORRIDOS dez anos da nossa existência, ao falamos, neste número do nosso *Boletim*, do caminho percorrido, não podíamos deixar de referir o nosso sócio nº 1, o Doutor João dos Santos.

Professor de Educação Física, médico, psicanalista, foi, desde a sua criação, director do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa. Impulsionador de várias iniciativas particulares de apoio a crianças

(tais como o Centro Infantil Hellen Keller, a Liga dos Deficientes Motores, a Associação dos Surdos, o Centro de Paralisia Cerebral e a Liga Portuguesa contra a Epilepsia), colaborou, com o seu saber, com os que pretendiam, entre eles os próprios pais das crianças, contribuir para o bem-estar e desenvolvimento da criança, bem-estar esse, então, nitidamente não garantido pelas entidades oficiais.

Apesar de, directamente, trabalhar com crianças manifestando qualquer tipo de problemas,



EDUCAR O QUE É?. VÉRTICE, JUNHO 89

sempre defendeu a existência de programas de prevenção primária, que apoiassem a criança e a família, com a participação da comunidade, e que pudessem contribuir para evitar o aparecimento desses mesmos problemas. Sempre se preocupou em passar o seu saber, não só aos seus colegas e discípulos, como à população em geral, através da participação em jornais (como o *Jornal da Educação*) e em programas de rádio, contribuições que podem ser encontradas nos livros publicados (*Ensaio sobre Educação I e II, Se Não Sabe Porque Pergunta? e Agora Já me Posso Ir Embora*).

A partir do trabalho em 1974, na Comissão de Protecção Materno-Infantil, do Ministério dos Assuntos Sociais, defendeu a criação de um Instituto da Criança, ideia que veio a expor, em 1982, no livro *A Caminho de Uma Utopia... um Instituto da Criança*.

Em 1983, juntamente com outros técnicos, criou o nosso Instituto de Apoio à Criança, tendo aceite

o cargo de Presidente do Conselho Técnico, cargo que assumiu até ao fim da vida, em 16 de Abril de 1987.

Neste lembrar da sua contribuição, mais do que as nossas palavras, compete-nos dar-lhe a palavra, citando-o.

BOLETIM DO IAC
Nº 23
JANEIRO/FEVEREIRO
1993
director
Matilde Rosa Araújo
coordenação
Grupo Técnico do IAC
António Torrado
Clara Castilho
Leonor Santos
edição
Instituto de Apoio à Criança
Largo da Memória, 14
1300 Lisboa
concepção gráfica
e produção
Joana Imaginária
pré-impressão
Roseta Lida
impressão
Minerva do Comércio
Depósito Legal
Nº 44475/91
tiragem
3000 ex.

JOAO DOS SANTOS
EU AGORA QUERO-ME IR EMBORA



CONVERSAS COM
JOÃO SOUSA MONTEIRO

JOÃO DOS SANTOS

UMA PERPLEXIDADE FACE AO... ÓBVIO

"A declaração dos Direitos da Criança foi um acontecimento apreciado em todos os meios ligados ao bem-estar da criança, e foi, naturalmente, objecto de comentários e discussão (...) Não pude deixar de manifestar a reacção muito positiva que a declaração desencadeou em mim, mas simultaneamente uma certa perplexidade que me causou a leitura, a reflexão e a consciencialização de que havia o 'reverso da medalha', expresso da forma seguinte: Se é necessário elaborar, articular e publicar e de certa forma impor todos os direitos consignados na Declaração, é porque eles não são universalmente praticados nem aceites.

Senti-me subitamente colocado na posição de um indivíduo dum

outro mundo, mais perfeito do que o nosso, que perante a declaração perguntasse perplexo: 'Mas então não é óbvio, não é evidente, não está implícito no facto de existirem crianças, que as suas necessidades básicas devem ser satisfeitas?'

Que espécie de gente é esta que precisa de elaborar, escrever, publicar a impor o que é que se tem de fazer pelas crianças para que elas se criem?...

Se as necessidades básicas do homem são o respirar, o beber e o comer, se a instituição fundamental da sociedade humana é a linguagem, será que as gentes daquele mundo complicado teve também de escrever e publicar uma Declaração a dizer que as pessoas têm direito a respirar, a beber, a comer e a falar?..."

[In *Ensaios sobre Educação II*, Livros Horizonte, Lisboa, 1983.]

NÚMERO E SÓ HONORÁ

NA Assembleia Geral do IAC de 6 de Abril de 1987, foi apresentada a seguinte proposta:

"Considerando o carácter fundamental da obra do Doutor João dos Santos a favor da criança em Portugal, na educação e promoção dos seus direitos e bem como do seu bem-estar e plena dignidade como pessoa;

Considerando o papel preponderante do Doutor João dos Santos a favor de uma verdadeira política de protecção materno-infantil entre nós;

Considerando a amplitude da sua acção, que abraça diferentes áreas como a educação ou as ciências, sempre com carácter profundamente inovador;

Considerando que o Doutor João dos Santos está praticamente ligado às grandes instituições que abriram diferentes caminhos no que toca aos graves problemas que afectam a criança;

Considerando que o Doutor João dos Santos, sócio do IAC, é o seu grande impulsor e a referência presente no trabalho que desenvolvemos,

É proposto como honorário número um do Doutor João dos Santos

A proposta foi aprovada por unanimidade."



DEZ ANOS DEDICADOS À CRIANÇA UMA HISTÓRIA PARA CONTAR O FUTURO

O Instituto de Apoio à Criança é uma instituição privada de solidariedade social, criada em 14 de Março de 1983, por um grupo de pessoas de diferentes áreas profissionais (médicos, magistrados, psicólogos, juristas, sociólogos, assistentes sociais, educadores, etc.).

É uma associação sem fins lucrativos, que tem por objectivo principal contribuir para o desenvolvimento integral da criança, na defesa e promoção dos seus direitos, sendo a criança encarada na sua globalidade, como sujeito de direitos nas diferentes áreas, quer seja na saúde, educação, segurança social ou os seus tempos livres.

Não querendo substituir-se a quaisquer organismos existentes, nem duplicar acções assumidas por outras entidades, o IAC apoia e divulga o trabalho de todos aqueles que se preocupam com a procura de novas respostas para os problemas da infância em Portugal, assim como colabora com instituições congéneras nacionais e estrangeiras.

Participa na Plataforma Nacional dos ONG (Organizações Não Governamentais) e assume-se acima de tudo como o Advogado da Criança, defendendo, como tem feito, os seus direitos junto de diferentes entidades, instituições e da comunidade em geral.

SEMINÁRIOS E COLÓQUIOS ORGANIZADOS

— “A Criança em Portugal — Que Direitos?”, Junho de 1983, Lisboa. (Pela primeira vez em Portugal, de forma pluridisciplinar e pública, foi quebrado o tabu da violência contra a criança, e com este seminário surgiu a primeira tentativa de resposta organizada ao nível das estruturas de saúde para este grave problema. Colaboração do CEJ e da So-

ciidade Portuguesa de Pediatria Social.)

— “A Droga Hoje em Portugal. Que respostas?”, Maio de 1987, Lisboa. (Iniciativa conjunta com a Associação de Prevenção de Consumos Tóxicos e o Centro de Estudos e Profilaxia da Droga. Este seminário realizou o primeiro levantamento das respostas que Portugal tem a nível oficial para este problema.)

— “Trabalho com Amas e Creches Familiares”, Novembro de 1988, Lisboa. (Colaboração com a Rede Europeia de Acolhimento da Criança.)

— “Comemoração da Ratificação da Convenção dos Direitos da Criança”, Abril, 1990, Lisboa. (Iniciativa conjunta com o CEJ e o Comité Português para a UNICEF.)

— “Seminário Internacional sobre Crianças de Rua — Modelos de Intervenção”, Junho de 1991, Lisboa. (Iniciativa conjunta com o Comité Português para a UNICEF.)

— “Brincar, Como e Porquê?”, Janeiro de 1992, Coimbra.

— Work Shop “Serviços de Saúde e Menores em Risco Psicossocial — Articulação Hospitais/Tribunais”, Fevereiro de 1992, Lisboa. (Iniciativa conjunta com o CEJ e a Sociedade Portuguesa de Pediatria Social.)

ACÇÕES MAIS RELEVANTES

Apresentou propostas ao Governo para medidas legislativas, entre as quais a criação em todos os hospitais de núcleos de apoio a crianças maltratadas que ali apareçam para receber tratamento e a criação de mecanismos que facilitem o contacto desses núcleos com o curador de menores (durante as 24 horas de todos os dias), a fim de ser dada uma resposta eficaz e permanente a estas situações de risco.

Com base na experiência do seu trabalho com crianças de rua, o IAC promove a criação de estruturas intermédias como forma de resposta

imediatas aos problemas destas crianças, e alerta para a necessidade da sua participação activa.

Incentiva experiências piloto em sectores considerados chave em cada comunidade, tais como o serviço SOS-Criança e o Trabalho de Rua com Crianças em Risco ou a atuação de Marginalidade.

Interessa-se pelas medidas legislativas que o Governo toma nesta área (como é o caso do Decreto-Lei 189/92, de 17 de Maio, o qual regula a criação, competência e funcionamento das comissões de protecção de menores, propondo “uma intervenção interdisciplinar articulada e flexível de base local, apelando à participação das estruturas locais e à cooperação entre si e com as famílias, colocando as potencialidades locais”).

No âmbito da cooperação internacional, e de acordo com os estatutos, o IAC desenvolve uma actividade alargada de contactos com entidades nacionais e estrangeiras preocupadas com questões afins.

No intercâmbio com outros países, fomenta-se em particular a troca de experiências (cursos de formação, acções de informação e sensibilização), com os países de expressão portuguesa com quem o IAC tem estreitas ligações e, em breve, protocolos de cooperação: Instituto Nacional da Criança (Angola); Associação Brasileira Multiprofissional de Protecção à Infância e Adolescência — ABPIA (Rio de Janeiro); Associação Municipal de Milagres (Brasil); Movimento dos Meninos e Meninas de Rua (Brasil); participação numa comissão de trabalho das ONG em Cabo Verde; organização dos Pioneiros em São Tomé e Príncipe; Associação Pais e Amigos das Crianças de São Tomé e Príncipe; Associação Nacional de Recreação Infantil (Moçambique).

Entre os parceiros internacionais do IAC: UNICEF (Suíça); Bureau International Catholique de l'Enfance



Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

N.º 1 • Janeiro • Fevereiro • 1988

Editorial

Compreendamos hoje um sonho de há muito a publicação do boletim do IAC, através do qual pretendemos criar mais laços entre todos que querem para as nossas Crianças condições de vida com mais alegria e mais dignidade.

O IAC não pretende substituir-se a qualquer organismo existente, nem duplicar acções já desenvolvidas por outras entidades. Pretende, sim, ser um espaço de diálogo e de encontro entre as várias instituições que se ocupam da CRIANÇA. Dinamizar acções em áreas não cobertas por outras entidades e, acima de tudo, estimular, apoiar e divulgar — tal como o definimos no nosso documento base "Perspectivas de Acções" — o trabalho de todos, que por um grande amor à CRIANÇA se preocupam em encontrar respostas concretas para os problemas da infância em Portugal.

Manoela Ramalho Eanes



Foto de Alice Gerál Martins

A caminho de uma utopia... Um Instituto de Criança

Do ponto de vista sociopolítico, não me parece possível o estabelecimento dum plano de acção educativa para a infância — normal ou itinerária — sem a participação activa e generalizada da comunidade.

João dos Santos

Porquê, o IAC?

Por um lado, o conhecimento das enormes carências existentes no País, no domínio da salvaguarda e promoção dos Direitos da Criança.

Por outro lado, a convicção de que existem entre nós, neste domínio, numerosas competências e experiências que urge coordenar e estimular.

Desta dupla tomada de consciência surgiu a decisão de criar um polo aglutinador de ideias e acções tendentes à melhoria da situação da Criança no nosso País.

O primeiro número do Boletim do IAC honra-se registando a sua grandeza e respeito profundos pela memória de João dos Santos.

Honra-se e situa-se assim num espaço mural e este regista não só um momento passado mas, também, um referente presente e futuro pela solidariedade impar que João dos Santos viveu com a Criança.

O IAC é, por enquanto, uma parcela da sua utopia expressa no belo livro "A Caminho de uma Utopia... Um Instituto da Criança".

Utopia que João dos Santos viveu quotidianamente com a intensa paixão do seu bem saber e do seu bem amar.

Homem despojado de ambições de favor próprio, que vive sempre a Criança no seu hori-

zonte como saiz da autêntica dignidade humana, João dos Santos não será para o IAC um patrono (como ele rejeitaria esta atribuição), mas um grande Amigo, companheiro que permanece, como que numa consciência viva e vigilante do cumprimento dos Direitos da Criança num Mundo que sonhou de concreta justiça.

Conhecido permanece o seu sorriso de uma bondade imensa que não era acrílica por generosa, permanece o brilho doce do seu olhar de companheiro solidário, João dos Santos sempre nos ensinará a fragilidade e a força dos que sabem querer e transformar utopias em acontecimentos naturais — mesmo por vezes, com os custos de amarga solidão.



(Suíça): Défense des Enfants-International (Suíça); Single Parent Action Network (Bristol); The Volunteer Centre UK; Sauvegarde de l'Enfance et Adolescence (Paris); Association Internationale des Educateurs de Jeunes Inadaptés-AIEJI (França); Comité Français pour les Jeunes de la Rue (Paris); Croix-Rouge Française-Écoute (Paris); Tulipinha (Holanda); Fédération Internationale des Communautés Educatives-FICE (Luxemburgo); Sorgentelefon Fur Kinder (Alemanha); Centro Comunitário Mater Dei (Itália); Organisme National de la Prévoyance (Grécia).

UMA VOZ: O BOLETIM DO IAC

"A caminho de uma utopia... um

instituto da criança". Uma utopia com marca e com carisma. João dos Santos, o IAC. E o primeiro número do Boletim, que viria a ser, como se foi percebendo aos longo dos anos, um constante ajuste de contas entre o sonho e a realidade. Por isso, percebe-se hoje, porque no nº 1 do Boletim do IAC, de Janeiro/Fevereiro de 1988, constavam entre os sonhos dois projectos: um, o de protecção da criança contra os maus tratos, abandono e crueldade; o outro, o SOS-Criança.

Em Março de 83 nascia o IAC. Cinco anos depois, entre as suas realizações contava-se o seu Boletim. Efeméride com honras de primeira página, em cujo editorial era feita especial referência ao papel dos sócios

do Instituto: "As funções e as tarefas diferentes, os interesses dos sócios concorrem para a harmonia e funcionalidade associativo que é o IAC."

Um exaustivo balanço das actividades do IAC, de 14 de Janeiro de 1983 a Março de 1988, iria ser publicado no nº 2: Seminário sobre os Direitos da Criança, em 84; formação de um centro de documentação; levantamento dos internatos escolares do país; o grupo de trabalho de ludotecas toma, em 83/84, a designação: Actividade Ludoterapêutica, e o seu trabalho, até 85, para. Em 85, recorda ainda João dos Santos, "através de reuniões e experiências, foi possível reunir os docentes e magistrados do grupo de trabalho das Crianças Maltratadas, para que, quando donadas resolvessem situações de crianças que antes ficavam excluídas das suas competências, não desfez-se a ideia que o seu trabalho profissional impedia os médicos de comunicar o conhecimento adquirido". São dados os últimos passos para que, em 1988, o sonho da Criança seja uma realidade coordenada em bairros de Lisboa. Projecto do Bairro de Santa Maria da Urzeira e Escola Damiana com participação activa nas Organizações Não Governamentais entre os trabalhos realizados e projectados e a que cinco crianças perderam vida ou alguma espe-

Sérgio Niza assina o editorial nº 3 do Boletim, o nele se estabelece uma feliz relação entre a publicação do IAC, o livro de João dos Santos *Aparecendo*, e o conteúdo da matéria dado por João dos Santos cujo falecimento se verificou em 1985. É dedicado cuidado artigo sobre a primeira vez, a problemática da organização dos hospitais, matéria que viria a ser sucessivamente analisada. No Parque Infância do Jardim Público de Évora há uma ludoteca. Fundação



por Silvia Soares. — foi a primeira ludoteca portuguesa.

“... O feto é, realmente, a personificação de um grande bem-estar”, diz J. M. Ramos de Almeida em “Falar e Cantar para o filho que está na barriga”, no número de Set./Out. de 88 do *Boletim*, onde é também dedicado importante espaço ao direito do brincar, em cuja defesa sai Natália Pais, e referenciada uma obra de uma sócia fundadora do IAC, Maria Lúcia Namorado, *Os Nossos Filhos*.

Em 20 de Novembro de 1959, a Assembleia Geral das Nações Unidas adopta uma resolução, que tem um texto. Chama-se os Direitos da Criança. São 10 e o IAC divulga-os em Dezembro de 88. Na mesma data, a divulgação das Actas do Trabalho com Amas e Creches Familiares, um encontro organizado pelo Instituto e que decorreu na Gulbenkian, em Novembro. Período rico, este; no dia 22 de Novembro, o IAC iniciou mais um serviço: o SOS-Criança.

Ano dedicado ao direito, em 1989 vai aparecer, pela mão do IAC: a Convenção sobre os Direitos de Criança das Nações Unidas, Guia dos Direitos da Criança em Portugal e A Criança e o Direito Internacional. L neste número do *Boletim*, o 6, é divulgado um extracto da comunicação do dr. Armando Acácio Gomes Leandro, juiz desembargador e director do Centro de Estudos Judiciários, no encontro promovido pelo CEJ e pela UNICEF, em 27 e 30 de Setembro, sobre “Consulta aos países de língua portuguesa sobre o projecto de convenção relativa aos direitos de criança”.

Uma avaliação do trabalho desenvolvido pelo IAC é objecto de uma conversa com a até então secretária-geral Maria Eduarda Ramirez.

“Roubaram-me a infância/(Fiz-me tanta falta!)/Alguém a pendurou/Numa prateleira alta/Onde nunca cheguei” (...) — Silvia Soares, 25 de Fevereiro, 12 horas, 1989. Faleceu,

continua presente, a obra, a mulher, a saúde.

No nº 7, Março-Abril de 89, uma notícia importante: “O projecto Sede do IAC, longamente pensado e sonhado, tornou-se possível, graças à intervenção generosa da Câmara Municipal de Lisboa, que cedeu uma casa no Largo da Memória, 14, r/c, na Ajuda.”

SOS-Criança (01) 73 16 17 FAZ ESTA LIGAÇÃO. De seis meses de trabalho, a súpula possível do trabalho realizado. Entretanto, no Anfiteatro B da Gulbenkian, conferências dirigidas a sócios e não sócios do IAC abordam temas como “Problemas ético-jurídicos de procriação artificial”, “As minorias étnicas nas escolas portuguesas”, “Protecção das Crianças em risco — uma experiência” e “Direitos da criança ao desporto”. Neste número de Maio/Agosto de 89, outra referência: “Delírio Santos: uma pessoa moral”, por João Benard da Costa.

Lisboa — Crianças na Calçada, foi um trabalho de rua com crianças em risco ou situação de marginalização. O projecto, em Outubro de 89, começava a dar passos significativos, para o que se realizou um curso de animadores com um grupo de 20 jovens em regime de internato. “O processo de desmarginalização é coisa muito vasta e complexa, pois passa pela estruturação adequada da economia, educação, cultura e ambiente social do país. Mas isso não fará de modo algum diminuir o nosso entusiasmo, pois, como diziam os jovens animadores de rua no compromisso final do curso, ‘todos nós esta-



MADALENA PERDIGÃO

mos envolvidos nesta missão — todos nós vamos ajudar a construir o futuro destas crianças!”

“A notícia da morte de Madalena de Azeredo Perdigão surpreendia-uns, consternava outros e paralisava os que, como eu, ligados pela amizade e pelo trabalho, continuavam a senti-la tão perto, tão firme-

tão presente”. Natália Pais, nº 10 do *Boletim*, de Abril/Maio

de 1990.

Flagelo com consequências graves no nosso país, o trabalho infantil “Crianças com idade de brincar estão nas obras, nas fábricas, nos campos — basta querer vê-las”, dizia uma jornalista americana que, de passagem por Portugal, descobriu esta realidade, contou-a na *Time*. Nós transcrevemos, em Dezembro de 90.

Neste nº 11 do *Boletim*, a Escola Infantil de Irene Lisboa é o pretexto para lembrar a sua personalidade e obra, num texto de E. Moreirinhas Pinheiro.

A qualidade e a segurança dos brinquedos, e o papel que aí cabe ao IAC — “uma intervenção sistemática em matérias que digam respeito à criança” —, foram a matéria de trabalho sobre um decreto que acautelou cuidados, que divulgámos.

O V Congresso Internacional de Ludotecas, realizado em Novembro em Turim, conta com uma representação portuguesa, repartida por diferentes entidades e organizações, a que não faltaram o IAC e a Gulbenkian.

O Projecto Trabalho de Rua com Crianças em Risco ou Situação de Marginalidade tem trabalho feito. Há numerosos indicadores da aceitação da



Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

N.º 11 • DEZEMBRO • 1990



AMERICANA DESCOBRE EM PORTUGAL

ANÇAS A TRABALHAR

RIA PRECISO, PERDERMO-NOS PELA CIDADE, OLHAMOS CAMPOS PARA O DES-
SEM ELABORAR UM PROFUNDO ESTUDO PARA O ENTENDER E ENCONTRAR
DES CAPAZES, E COMPARAR, PARA QUÊ? CRIANÇAS COM IDADE DE BRINCAR
E NAS OBRAS, NAS FABRICAS, NOS CAMPOS — BASTA QUERER VÊ-LAS.

PÁG. 2/3

«ESCOLA INFANTIL» DE IRENE LISBOA

PÁG. 3/1



A QUALIDADE E A SEGURANÇA DOS BRINQUEDOS

PÁG. 3/9

iniciativa, os colaboradores integram-se, os apoios, alguns, vão surgindo. Também o SOS faz um pequeno balanço: 700 chamadas em seis meses.

“Se queres a paz prepara a guerra: será este aforismo um conselho da razão?” — a pergunta é de Matilde Rosa Araújo, em Janeiro de 91.

Na Bienal de Turim, Portugal, com vários outros países, esteve presente. A exposição do pavilhão português (“O Papel do Jogo — Tradição e Renovação”), “mostrou um pouco de nós, o que foi possível graças ao material fornecido por um conjunto de entidades...”. Um propósito anunciado: continuar a bienal, porque “sabemos que a tradição no brinquedo, como no brincar, fazem recordar aos adultos a criança que foram”

“A criança aprende facilmente o sentido da união solidária. Não lhe ensinemos o mundo como obra acabada, mas como uma construção que todos temos de continuar”, José de Almeida Fernandes, sobre “Os valores na aprendizagem”.

Encontro nacional de ludotecas. Foi o quarto, em Dezembro de 90, organizado pela Câmara Municipal de Oeiras.

Programar é preciso. E nesse sentido, divulgamos, neste n.º 12, o Plano de Actividades do IAC para 1991.

Com a saúde como tema, dedicamos o n.º 13 do Boletim (Março-Maio de 91) à assistência, aos cuidados relativos ao planeamento familiar e divulgamos breves notas sobre mortalidade infantil em Portugal.

O Encontro sobre a Convenção

dos Direitos de Criança realizou-se na Gulbenkian, em Abril de 90. Dele os ecos, da im- e não, que poderão gar longe.

Uma lição de Fr Benoit, recordada p dâlena Gomes. A ria de quem nos sons e muitas palav bre a música.

Entretanto, os de animadores e prosseguem. O de contou com 30 ca- tos.

Lançada uma s- na cidade. Foi o En Internacional sobe anças de Rua (Mod Intervenção), onde muito do que se deu, foi possível que “não é pela c- que se consegue anças a adesão par projecto de vida - têm uma extraor experiência da li- de!” Foi em Junho na Gulbenkian, or do pelo IAC e pelo português da UNIC

E contámos como Leonor brincou com as cores e como trar conseguia transmitir for- pensar.

Na rua, a observar e tenta preender a realidade das nos anças, estiveram, em Lisboa, das do Parlamento Europeu. foi o guia.

Nasce um novo centro de mento. Em Lisboa, no 3.º anda- 53 da Avenida da Igreja.

Oficinas lúdico-expressiva escola Primária do Casalinho- da, mais do que um projecto realidade, a que o IAC dedica o apoio. Contámos como foi.

Quando começa a edu- cação? Ao nascer, com certe- za. Porque, e citamos João



dos Santos, "a criança, ao ingressar na escola, já adquiriu, no essencial, todas as aptidões que caracterizam o ser humano". Começaram as aulas. Estamos em Outubro de 91.

Em Dezembro de 91, chegamos ao nº 16 do nosso *Boletim*. Ao mundo e à vida continuamos a dar o nosso contributo. Também em palavras: "Acabámos um ano manchado de guerra por todo o mundo. De guerras. Guerras que, por vezes, eram apresentadas com vesgas mascarilhas de paz..."

As crianças maltratadas procurou o IAC desde a sua fundação dar um lugar, mais: tratá-las bem, como crianças. Três anos volvidos sobre um projecto, há resultados, que são alento para continuar.

"Símbolo que melhor identifica a criança", o brinquedo. Para a matéria, uma vez mais, a nossa atenção.

SOS, três anos depois. Bons resultados, algumas inovações: um aparelho. Sempre mais perto e se possível mais íntimo.

"Um mestre de democracia", assim lhe chama Sérgio Niza. Falamos de Rui Grácio, cuja acção e obra são aqui lembradas.

Nova experiência, gratificante, num meio quantas vezes hostil às inovações. Resultado de muita perseverança, o registo de um trabalho que fomos conhecer na Escola Preparatória Marquesa de Alorna, em Lisboa.

E porque é Dezembro, plantámos "A primeira árvore de Natal do André", pela mão de Maria Cecília Correia.

O IAC entra no seu 9º ano. Projectos alguns, como alguns foram os resultados. Prosseguimos.

O Núcleo Regional de Coimbra do IAC promove o Encontro sobre o Brincar — um grande espaço lúdico, onde, entre outras conclusões, se afirmou que não se brinca só nas ludotecas. Por isso se pensou na necessidade de criar um grupo de reflexão sobre o futuro do brincar.

De Alice Gomes se conta o que foi e o que nos deixou. Porque, disse-o Madalena Gomes, ela "é digna

de servir de exemplo às gerações vindouras — foi uma pessoa de boa vontade".

A dimensão intercultural da escola, um projecto que a Divisão de Orientação da Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário.

O IAC, o Centro de Estudos Judiciários e a Secção de Pediatria Social da Sociedade Portuguesa de Pediatria promoveram um workshop sobre "Serviços de Saúde e Menores em Risco Psicossocial — Articulação Hospitais-Tribunais". Foi em Fevereiro de 92 e contou com larga número de participantes.

Ao desporto e aos jovens dedicou a vida. Foi um homem de cultura, de pedagogia, um visionário — um homem que pensava e imaginava o futuro. É Noronha Feio, um homem do nosso tempo.

Em reunião nacional das ONG, o IAC é eleito para a sua Comissão Permanente.

"O IAC e a defesa dos direitos da criança, actividades e projectos" e "A actividade lúdica como manifestação afectiva sociocultural" foram os dois temas tratados pelo IAC no Seminário sobre Actividade Lúdica e Equilíbrio Psicossomático, que decorreu em Maio de 92.

Com o Serviço de Educação da Gulbenkian, foi organizada pelo Instituto, em Junho, uma acção de formação sob o tema "A importância da actividade lúdica no desenvolvimento da criança deficiente".

A criança deficiente, especificamente deficiente visual, foi dedicado um trabalho sobre o Centro Infantil Hellen Keller, com passagem pela sua criação e a referência indispensável àqueles que tornaram este projecto possível.

Os Jogos no Mediterrâneo estão próximos. São já em Janeiro de 93.

No nº 20/21 do *Boletim do IAC* é já possível afirmar: Memória — Um sonho, uma casa. Porque a Casa aí está, menos cedo do que queríamos, mas sempre a tempo de proporcionar espaço aos nossos projectos e ao nosso dia-a-dia.

Começou em Fevereiro de 8... dele há hoje resultados positivos. projecto de intervenção na Urma... no bairro, no jardim de infância na escola primária.

O que foi, como foi e nasceu quem lhe deu vida? A cooperativa Ludus, Círculo de Realizações para Infância e a Juventude, nasceu há anos sessenta. Pela mão de algumas sobretudo de Lília da Fonseca.

Em Junho, O V Encontro Nacional de Ludotecas. Ao IAC, por der da organização e participante act nos trabalhos, coube a apresentação do trabalho para debate "Tempo espaço para brincar — O dilema das crianças dos nossos dias", a cargo Leonor Santos e Carlos Neto, interviniente que, com Virgílio More subscreveram uma proposta, aprovada por unanimidade e aclamada com vista à criação da Frente Nacional de Ludotecas.

E chegamos ao fim de 1992. Infelizmente sem excessivas alegrias. a guerra outra vez, sempre a guerra com as crianças de permeio —, r com alguns sonhos realizados, p embora a pobreza infantil continue a grassar no país.

Brincar é um acto sério, principal a que temos dedicado uma parte dos nossos esforços. Porque brincar precisa. As crianças sobredotadas dedicámos especial atenção, n trabalho assinado por Manuela Silva Esteves. Por outro lado, a família poderá ser particularmente lembrada em 94, uma vez que é o ano internacional.

Enquanto isto, a Europa é sonhada pelas crianças, que em Junho próximo estarão em Poitiers; nasce a ludoteca na Escola Superior de Educação da Castelo Branco e...

... Porque ainda há crianças em risco, O SOS-CRIANÇA — o decálogo do *Boletim* 22 do IAC — história, conta como foi até aqui como irá ser de futuro. ■

D

E

P

O

I

M

E

N

T

O

S

ESCUSADO SERÁ DIZER

HÁ já algum tempo que desejo agradecer e congratular o Instituto de Apoio à Criança pela criação de um serviço tão útil e valioso como é o SOS-Criança.

Sou uma jovem de 19 anos e há cerca de dez meses que tenho vindo a contactar, com bastante regularidade, o serviço.

Foram, talvez, o calor e a simpatia com que fui acolhida que me fizeram, desde muito cedo, criar uma ligação muito forte com a equipa.

Pouco a pouco, fui ganhando confiança nos membros do serviço, que agora constitui um elemento indispensável na minha vida. Basta apenas referir que conseguí em pouco tempo superar algumas crises que, mesmo com a ajuda de diversos especialistas, nunca conseguí vencer.

Tive a oportunidade de contactar um serviço semelhante de outro país. Talvez em função do elevado número de membros que compunham a equipa, bem como o seu carregado horário, não conseguí sentir o carinho e a familiaridade com que o SOS me presenteou e aos quais eu respondi com a afeição que se reflecte nas minhas inúmeras chamadas. Não exagero se disser que sinto o SOS-Criança como uma verdadeira família.

Após a leitura de alguns artigos publicados nos jornais, pude concluir que as situações de crise e carência afectivas são uma constante na sociedade portuguesa, mas estou firmemente convicta de que o SOS tem intervindo, de uma forma bastante positiva, na resolução de

muitos problemas, alguns deles bastante graves.

Longe de mim procurar influenciar política e/ou religiosamente a equipa que tem vindo a fazer jus ao seu nome — SOS-Criança.

É certo que se a palavra "criança" está associada a um conceito de fragilidade, então todos temos uma criança dentro de nós. Mas isso seria entrar num campo de discussão filosófico de que me desejo agora abster. O que desejo é, pura e simplesmente, apontar para duas realidades, bem distintas uma da outra: Uma é a eficácia e a importância do SOS-Criança, a outra é a

ignorância e a interpretação que se verificam em relação ao serviço. É necessário, e muito, que eu de poder contribuir para clarificar este último aspecto.

Se agora eu estou viva e escrevo esta carta foi por algo de muito importante na minha vida que me motiva a seguir em frente. Escusado será dizer que...

Obrigada IAC,
Obrigada SOS-Criança.

LIMA OUVINTE DO SOS-CRIANÇA

ESTÁ DE PARABÉNS O IAC

É comum dizer-se que as crianças são o melhor do mundo.

Mas será o mundo o melhor para algumas crianças?

Assistimos quotidianamente a imagens de crianças que porque não têm "vez" nem "espaço" no mundo em que vivem, não têm família capaz de lhes garantir a vida e os afectos de que precisam para crescer em harmonia, estas crianças, adultos sorridentes antes de serem interpelados e lançados a agir.

O IAC foi sensível a este apelo e tem sido para muitas crianças a família que lhes faltou. Família no sentido do garante dos seus direitos, da defesa dos seus interesses e necessidades.

Esta função familiar especial tem-se traduzido quer pela acção directa, como é o caso do projecto "Meninos de Rua" e outros, quer pela influência qualificada de medidas de política social de organizações que trabalham para e com as crianças.

O IAC é, no entanto, as pessoas que o constituem.

Estão, pois, de parabéns estas pessoas que têm sabido e sido capazes de contribuir para o reconhecimento e prestígio do IAC.

Está de parabéns o IAC por ter envolvido as pessoas certas, com o rigor técnico, seriedade, afectividade e humanismo com que trabalham, o que tem conduzido à afirmação crescente do Instituto, ganhando-lhe o prestígio indispensável à capacidade de influenciar mudanças nos sectores e organizações pertinentes para o bem-estar das crianças.

Muitas felicidades para o IAC.

Embora sabendo de antemão que assim é, faço votos para que o IAC continue a melhorar as condições essenciais para prosseguir, porque a sua missão, sabemos, é ilimitada. I

MARIA JOAQUINA MADEIRA

PROGNÓSTICOS PARA A PRÓXIMA DÉCADA

ESTE nosso século, que dentro em pouco passará à dignidade um pouco equívoca de século passado, nasceu com a promessa de vir a ser o século da criança. Foi a escritora sueca Ellen Key (1849-1926) quem assim o intitulou.

Num livro muito optimista, chamado precisamente *O Século da Criança*, esta defensora da emancipação feminina e dos movimentos operários fadou o século XX, com toda a candura das almas que adivinham o futuro, a partir dos seus próprios sonhos.

Mas, feito o balanço aos diversos domínios que contribuem para o bem-estar das crianças nossas contemporâneas, não se poderá dizer que Ellen Key tenha errado. Na medicina, no ensino, nos códigos, na assistência, os progressos são imensuráveis. A criança ganhou a cidadania que os seus Direitos adoptados internacionalmente consagraram. A par de outras descolonizações, a descolonização da criança também é um facto histórico, devido ao nosso século.

Não pode, no entanto, o sorriso à Pargloss colar-se-nos ao rosto. É visível que nem tudo corre bem no melhor dos mundos. Mas se mais nos indignamos agora do que os nossos avós com as imagens de abominação que da Somália, da Etiópia, de Moçambique, o ricochete dos satélites nos traz a casa, é porque as temos diariamente diante dos nossos olhos e

das nossas consciências. Aldeia global tem de equivaler a alerta geral.

São menos interessantes para as câmaras de televisão os gráficos estatísticos que registam a redução dos índices de mortalidade infantil ou a irradiação planetária da vacinação e da escolaridade. Só o facto de agora nos escandalizarmos com as bolsas residuais de trabalho infantil que, no século passado, apenas preocupava Charles Dickens e alguns poucos, já representa uma colossal evolução das mentalidades.

A intervenção cívica e pedagógica de instituições como o nosso Instituto de Apoio à Criança foi e será essencial para que as estatísticas e as mentalidades progridam no sentido da criança. Associação de

boa vontade, agregadora de boas vontades, o IAC há-de também ele avançar para uma cada vez maior participação e responsabilização, na sociedade portuguesa do futuro.

A institucionalização de uma Provedoria da Criança, dotada de meios legais de intervenção, será, a meu ver, uma das aspirações a concretizar na década do IAC, que agora se inicia. Década essa que já vai tocar o próximo século e milénio, o que é uma responsabilidade acrescida.

Como se vê, o optimismo de Ellen Key continua a ter seguidores. |

ANTÓNIO TORRADO

ACTIVIDADE LÚDICA E ANIMAÇÃO

ASSIM se designa o grupo de trabalho do IAC que tem como seu principal objectivo garantir a criação de todo um conjunto de condições que permitam a concretização plena do Direito de Brincar e o realizar da dimensão lúdica da vida.

Norteados por este objectivo fundamental e por toda uma filosofia subjacente, reveladora dos eternos positivos da actividade lúdica nas mais diversas dimensões da vida individual e colectiva, este grupo de actividade do IAC tem recorrido às mais diversas estratégias com vista ao aperfeiçoamento de modelos de resposta e à multiplicação de programas de intervenção. Nesse sentido tem organizado cursos, seminários, oficinas, jornadas e encontros; tem apoiado e estimulado projectos e iniciativas apresentadas pelas mais diversas entidades, a nível nacional; tem produzido e divulgado documentação relativa à psicopedagogia da actividade lúdica; organização de ludotecas, análises, selecção, classificação e controlo da qualidade dos materiais; divulgação de jogos e brinquedos tradicionais, etc.; enfim, tem estimulado o conhecimento mútuo e a cooperação entre entidades nacionais e estrangeiras, ligadas à actividade lúdica.

O apoio, a criação e organização de ludotecas, um movimento que, felizmente, se vai alastrando pela pais fora, tem sido também uma preocupação constante deste grupo, com o objectivo de sensibilizar para que haja espaços onde o jogo possa assumir um carácter multidimensional e utilizar objectos que permitam formas dinâmicas de identificação e a escolha de peças que respeitem valores, sentimentos e significados culturais embebidos na magia envolvente do Acto de Brincar" (Boletim IAC, n.º 12, 1991, pág. 3).

É uma história curta, mas densa, neste combate "pela existência de condições que permitam que todas as crianças possam ter vontade de brincar, ter alegria de comunicar através de uma linguagem universal, comunitária e de todos os homens, e poder enriquecê-la com vivências diversificadas, participadas e identificadas" (Natalia Pais, Boletim IAC, n.º 4, 1988). Enfim, uma dura luta pelo Direito de Brincar que é o mesmo que dizer, por um futuro mais justo, mais humano, mais belo, mais humano! |

JOÃO AMADO

ENCONTRO OS JOGOS NO MEDITERRANEO

É PRECISO FORMAR TÉCNICO

COM um conjunto de conferências em que o jogo foi referencial comum, realizaram-se Os Jogos no Mediterrâneo-Práticas lúdicas das crianças, um encontro da responsabilidade do IAC, que decorreu nos dias 13, 14 e 15 de Janeiro na Fundação Gulbenkian.

"Os fundamentos culturais do jogo", por Jorge Crespo; "A imitação e a competição no Jogo Infantil", por António Cabral; "A contribuição dos jogos actuais para a aprendizagem do género", por Maria Borja Solé, de Espanha; "A escola e os jogos em França", por Guy Bonhomme, de França, e "Bases culturais do jogo", por Giorgi Bartolucci, de Itália, foram as conferências proferidas.

O encontro Os Jogos no Mediterrâneo assentou em três temáticas essenciais — objectos e técnicas; aprendizagens e processos de socialização; contextos culturais específicos — e uma das conclusões retiradas foi a necessidade de identificar objectos lúdicos para a criança, considerando contextos culturais específicos, e de estabelecer um equilíbrio entre os objectos lúdicos tradicionais/naturais com materiais modernos.

Aspectos há que deverão ser tidos em conta, pode verificar-se ainda no encontro, como: a influência dos jogos electrónicos nas práticas das crianças e suas consequências positivas e negativas; a importância das dinâmicas simbólicas e de socialização através de materiais e espaços lúdicos; a atenção que deve ser dispensada à concepção, produção e comercia-

lização de brinquedos e materiais lúdicos e ainda a relação entre especialistas do jogo e a dinâmica empresarial.

A valorização dos espaços escolares e comunitários atendendo à relação entre os meios lúdicos e as referências históricas e culturais, bem como a necessidade de dimensionar a gestão do tempo livre na sociedade do futuro e o problema da vocação da escola e do agregado familiar, foram igualmente apontadas como acções a desenvolver.

Por outro lado, o cuidado em

tura lúdica mediterrânica, valorizando a natureza universal do jogo. E, por último, e de forma geral, foi recomendado que o estudo do jogo e das crianças devam constituir um elemento de referência quanto ao papel dos investigadores na dinamização de projectos e programas de

MESA DA SESSÃO DE ENCERRAMENTO DA ESQUERDA PARA A DIREITA: PROF. DR. JORGE CRESPO, DRA MANUELA EANES, DRA ANA AZEVEDO, SUBSECRETÁRIO-GERAL DO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO, DRA LEONOR SANTOS, DRA ANA PAIS E PROF. DR. CA



situar o jogo com factor educativo no âmbito das relações entre o desenvolvimento, a aprendizagem e o ensino, e a tomada de consciência do indispensável salto qualitativo no estudo do fenómeno lúdico, tendo em conta os comportamentos lúdicos actuais e os novos paradigmas e métodos de estudo foram também abordados como temas de grande interesse.

Foram sentidas, no entanto, algumas dificuldades em estabelecer a noção de especificidade da cul-

valorizando a produção neste domínio.

Apontada ainda nas razões finais foi a necessidade de maior atenção à formação de técnicos ligados à intervenção em áreas de criação de meios humanitários na valorização das práticas das crianças e ainda à sensibilização das estruturas central e local sobre o papel do jogo no desenvolvimento intelectual e artístico da comunica-

O DIA DA INAUGURAÇÃO

A inauguração das novas instalações do IAC será assinalada por um conjunto de iniciativas. Assim, no dia 10, será a cerimónia da inauguração propriamente dita; no mesmo dia, pelas 18 horas, será celebrada missa, na Igreja da Memória, pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa.

No dia 11, às 15 horas, terá lugar na Fundação Gulbenkian uma sessão comemorativa dos 10

anos do IAC.

Para assinalar a efeméride, foi organizada pelo dr. José Castelo Branco da Galeria Escada 4, com o apoio da Prestimagem, uma exposição venda de pintura de obras oferecidas por vários pintores, no dia 2 de Maio, em hora e local a indicar local, no qual será publicado um livro com as reproduções. O produto da venda reverterá para o IAC.

NOVOS CORPOS SOCIAIS DO IAC

Em Assembleia Geral do Instituto de Apoio à Criança, foram eleitos os sócios para os novos órgãos sociais para o triénio 1993-95.

Assim, foi o seguinte o resultado da eleição: Mesa da Assembleia Geral: Presidente, Alberto Machado (sócio nº 5); Vice-Presidente, Armando Fernandes (sócio nº 85); Secretários, Edmundo Pires (sócio nº 24) e Maria Amália Lourenço (sócio nº 367). Direcção: Presidente, Maria Manuela Ea-

nes (sócio nº 2); Vice-Presidente, Aurora Fonseca (sócio nº 18); Secretária-Geral, Maria Manuela Nogueira (sócio nº 381); Vogais, Arquimedes dos Santos (sócio nº 319) e Torrado da Silva (sócio nº 17). Conselho Fiscal: Presidente, José Nogueira da Rocha (sócio nº 39); Secretário, José Coelho Antunes (sócio nº 389); Relator, Antonina Gonçalves Amaral (sócio nº 12).

I A C P R E S E N T E

NO ENCONTRO INTERNACIONAL DE LUDOTECAS, na Austrália, em Melbourne, de 6 a 20 de Fevereiro. O encontro, promovido pela International Toy Libraries Associate e pela International Association for Child's Right to Play, reuniu especialistas de todos os continentes e dedicou especial atenção às questões que relacionam a actividade lúdica com a comunidade, a criatividade, a natureza e a implementação do 31º artigo da Convenção dos Direitos da Criança. A delegação do IAC foi constituída por Natália Pais, Leonor Santos e Carlos Neto.

EM LILLE, nos dias 28, 29 e 30 de Janeiro, no encontro "Droit d'apprendre, blessure d'apprendre", organizado pelo Espece Experimentel — Centre Alfred Binet, de Lille. Presentes, a convite da organização, Maria João Malho e João Norberto.

B R E V Í S S I M A S

DEFICIÊNCIA MENTAL E FAMÍLIA — Estruturas de Apoio na Europa Social, tema do encontro, no dia 27 de Fevereiro, organizado pelo Centro de Intervenção Psicopedagógica do Instituto Politécnico do Porto.

MEMORIAL DOS SÓCIOS DO IAC

Com a ressalva de involuntária falha, registamos os nomes dos sócios do IAC falecidos, pela ordem dos respectivos números:

- Sócio nº 1, João dos Santos
- Sócio nº 4, Aldolfo Simões Müller
- Sócio nº 29, Humberto Silva Nunes
- Sócio nº 63, Madalena Perdigão
- Sócio nº 74, Virgílio Lopes
- Sócio nº 77, Jacinto Alves de Magalhães
- Sócio nº 104, Josette Cradoso (Sílvia Soares)
- Sócio nº 141, José Francisco Nereu

AS MULHERES EM PORTUGAL, encontro em Lisboa, nos dias 14 e 15 de Janeiro. A Comissão para a Igualdade e para o Direito das Mulheres organizou.

FORMAÇÃO EM PSICOTERAPIA NA ADOLESCÊNCIA, um seminário intensivo, organizado nos dias 21 e 22 de Janeiro pela Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica.

AS NOSSAS APRENDIZAGENS E A SEXUALIDADE, tema de um debate, na Livraria Barata, em Lisboa, nos dias 20 de Janeiro a 10 de Fevereiro, organizado pela Associação para o Planeamento da Família.